

# ***UN SIGLO TODO DE SEÑALES: O TRABALHO INTELECTUAL EM BUENOS AIRES E AS DEMANDAS EXPOSTAS EM LA MODA (1837-1838)***

***UN SIGLO TODO DE SEÑALES: INTELLECTUAL WORK IN  
BUENOS AIRES AND THE EXPOSED DEMANDS IN  
LA MODA (1837-1838)***

**José Alves de Freitas Neto<sup>1</sup>**  
Universidade Estadual de Campinas

## **Correspondência:**

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Departamento de Historia  
Rua Cora Coralina, 100 - Cidade Universitária Zeferino Vaz - CEP 13083-896 - Campinas - S.P.  
E-mail: jafneto@uol.com.br

## **Resumo**

O objetivo deste artigo é analisar o modo como letrados portenhos da Geração de 37 registraram, nas páginas de *La Moda*, a importância do trabalho intelectual e atribuíram um lugar para os que se dedicaram a ilustrar as sociedades. Em meio a textos sobre costumes, literatura, música e outros temas, a referência ao trabalho intelectual, em 1838, apresenta um esboço da concepção cultural e política do grupo que pretendia escrever para “transformar condutas” e “práticas sociais” no processo de formação da Argentina.

**Palavras-chave:** História da Argentina; Geração de 37; intelectuais.

## **Abstract**

The main purpose of this paper is to analyze the way 37 literate "porteños" generation registered, in *La Moda's* pages, the importance of intellectual effort and also how they assigned a place to those who were dedicated to enlighten the society. Amid articles about social manners, Literature, music and some other issues, the reference to intellectual involvement, in 1838, shows an outline of their cultural and political conceptions that intended to use writing to "transform behaviors" and "social praxis" during the formation of Argentina.

**Keywords:** History of Argentina; Generation of 37; intellectuals.

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada com o apoio do CNPq.

A figura do intelectual na Argentina da primeira metade do século XIX tem sido objeto de importantes estudos historiográficos nas últimas duas décadas<sup>2</sup>. A centralidade que os letrados ocuparam na região do Rio da Prata em meio a conflitos armados no período da formação e consolidação do Estado argentino pode ser atribuído, nas palavras de Jorge Myers, aos recursos simbólicos que manusearam ao interferir no debate político da época e na permanência de seus textos como referências da cultura daquele país.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a compreensão do trabalho intelectual e as funções a ele atribuídas pelos integrantes da Geração de 37 que participaram da publicação *La Moda*<sup>3</sup>. Uma questão complementar, mas não menos importante, é perguntar-se sobre por que abordaram com veemência a temática do intelectual num semanário com as características de *La Moda*. A hipótese que apresentamos é que em meio a pautas menos assertivas, como veremos ao longo do texto, havia a necessidade de defender a atividade intelectual, demonstrar sua importância e legitimá-la como função necessária e benéfica para toda sociedade. O intelectual, nessas condições, seria o articulador entre as ideias estéticas, políticas e sociais e as demais funções exercidas pelo restante da população.

Construir tal concepção, em 1838, pode não parecer tão original quando se compara com as visões conhecidas atualmente sobre a função intelectual ou mesmo sobre as representações atribuídas a partir do texto de Émile Zola, de 1898, durante o *affaire Dreyfus*<sup>4</sup>. Mas construir tal argumento em meio a um Estado-nação inexistente e numa sociedade que não possuía esferas políticas claras, nem mesmo autonomia de grupos sociais diante do poder político exercido à época, conserva um grau de sagacidade que merece ser considerado. Adiciona-se ao quadro a juventude dos editores de *La Moda* que expressam um senso de observação apurado ao problematizar a questão. No momento de sua edição, um dos responsáveis, Juan Baustista Alberdi, tinha 27 anos de idade.

A Geração de 37, como ficou conhecido o grupo de escritores e letrados que marcaram a história do pensamento argentino, foi responsável por lançar dois desa-

---

<sup>2</sup> Dentre os autores que participam dessa produção destacamos: ALTAMIRANO, C. *Intelectuales. Notas de investigación*. Bogotá: Norma, 2006; ALTAMIRANO, C.; MYERS, J. *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Editores, 2008; ALTAMIRANO, C.; SARLO, B. *Literatura/ Sociedad*. Buenos Aires: Edicial, 2001; PALTÍ, E. *El tiempo de la política: el siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007; SAID, E. *Representações do intelectual*. São Paulo: Cia das Letras, 2005; SIRINELLI, J-F. "Os intelectuais". In: RÉMOND, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

<sup>3</sup> *LA MODA. Gaceta semanal de música, de poesía, de literatura, de costumbres. (1837-1838)*. Buenos Aires: 1938. Edição fac-similar da Academia Nacional de la Historia. Buenos Aires: Sociedade Anónima de Impresiones Generales, 1938.

<sup>4</sup> O escritor Émile Zola em sua "Carta ao presidente da República (Félix Faure)", publicada no jornal *L'Aurore* com o título "J'accuse" é referência na construção da figura do intelectual. No texto, Zola analisa o processo em torno da prisão do militar de origem judaica, Alfred Dreyfus, acusado de traír o exército nacional e repassar segredos militares para a Alemanha. O julgamento, pontuado por desprezar normas jurídicas básicas, dividiu a sociedade francesa e foi o mote para o texto de Zola com a acusação aos abusos de poder realizado pelo Estado.

lios complementares: identificar os problemas que o país enfrentava e projetar o estabelecimento de uma nação moderna. A importância do grupo, além da ação literária, deve-se a seu reconhecimento como núcleo que agregava os opositores ao regime autoritário comandado por Juan Manuel de Rosas (1793-1877), governador da Província de Buenos Aires (1829-1832; 1835-1852) e figura proeminente na política argentina do XIX. Em 1837, o grupo se constituiu a partir do Salão Literário organizado pelo livreiro Marcos Sastre (1808-1887). Entre suas atividades estavam a promoção de reuniões políticas e literárias nas quais eram realizadas leituras coletivas, debates sobre as tendências artísticas, literárias e políticas da Europa e a apresentação de textos inéditos dos escritores que compunham o grupo como Esteban Echeverría (1805-1851), Juan Bautista Alberdi (1810-1884), Juan Maria Gutiérrez (1809-1878) e Vicente Fidel López (1815-1903). A vida do Salão Literário, graças à perseguição rosista e às fragmentações internas, foi curta.

*La Moda* circulava aos sábados e estava vinculada a alguns membros do grupo. Seu objetivo declarado era informar sobre moda, poesia, literatura, música e, de certa forma, era uma maneira de circunscrever o campo de atuação e parecer menos incômoda diante do rosismo e da maioria da população que apoiava o caudilhismo<sup>5</sup>.

### ***La Moda: temas e questões***

A edição de *La Moda: gacetín semanal de musica, de poesía, de literatura, de costumbres* começou no momento de enfraquecimento do Salão Literário. As divisões políticas e as pressões exercidas pelo rosismo contribuíram para a fragmentação do grupo. No entanto, aspectos internos também contribuíram para a diluição do Salão de Marcos Sastre. As diferenças literárias e políticas entre os integrantes do grupo, as vaidades entre jovens escritores, a desproporcionalidade na formação indicava que eles poderiam concordar no desafio de interpretar a realidade e debater os rumos da futura Argentina, mas tinham divergências imediatas sobre como proceder<sup>6</sup>. Echeverría, o principal nome do grupo, assim como Marcos Sastre, por exem-

---

<sup>5</sup> A questão da relação com o rosismo é delicada. Para o organizador do estudo preliminar da versão fac-similar de 1938, José A. Oria, cotejando outros escritos de Alberdi, a publicação não poderia ser simplesmente definida como anti-rosista, como parte da historiografia a definiu. A hipótese de Oria é que mesmo conhecida a oposição entre os membros do Salão Literário, ao qual *La Moda* estava vinculada, a divergência não era pessoal, mas de propósitos sociais. A gazeta teria que ser lida em sua historicidade e, portanto, teria havido um movimento de aproximação de membros do Salão Literário e Rosas. Os jovens editores alimentavam a expectativa de atrair o líder às causas reformadoras dos escritores e, de alguma forma, interferir nas políticas executadas pelo governante. A rivalidade como ponto explícito teria ocorrido apenas depois de 1838 e, portanto, o periódico poderia encorajar a adoção de Rosas ao ideário do grupo, que por sua vez, poderia ser um mecanismo de crítica e colaboração, que seria distinto da simples oposição.

<sup>6</sup> Sobre o tema ver o importante trabalho de WEINBERG, F. *El Salón Literario de 1837*. Buenos Aires: Hachette, 1977.

plo, não integraram a equipe da folha que circulou por 23 semanas ininterruptas, entre 18 de novembro de 1837 e 21 de abril de 1838, na cidade de Buenos Aires.

Os editores de *La Moda* eram Juan Bautista Alberdi, Juan María Gutiérrez e o advogado Rafael Jorge Corvalán, que era formalmente responsável pela publicação e o único que tinha seu nome exposto no impresso. A escolha de Corvalán como editor oficial era uma estratégia do grupo para ter o beneplácito do regime, pois Rafael era filho de um dos auxiliares mais próximos de Rosas.

As aquisições do semanário eram feitas na Livraria de Sastre e outros três livreiros indicados na capa; a impressão era responsabilidade da *Imprenta de la Libertad*, sendo que não há menção ao endereço da casa editorial até o sexto número da gazeta. Nos dois números subsequentes, o endereço da prensa é indicado na Calle de la Paz, 55 e, a partir do número 9, publicado em 13 de janeiro de 1838, o endereço passa a ser a Calle de Chacabuco, 19, como se observa na última página de cada número do periódico.

O título *La Moda* evidencia uma escolha do grupo: buscar um público feminino e jovem. Por trás de um tema “frívolo”, como eles assinalam no número 18, estava uma estratégia de sedução para que pudessem “aceitar nossas ideias”. Outro aspecto a ser considerado é que se tratava de conquistar uma sociedade que tinha “uma condição juvenil”. *La Moda*, segundo seus editores no “Aviso” da edição de 17 de março de 1838, tinha que ser considerada além da superfície, pois era “(...) o al menos procura serlo, la aplicación continua del pensamiento a las necesidades serias de nuestra sociedad”<sup>7</sup>.

Como observou a pesquisadora Sandra Szir, naquela época havia uma prática periodística “sin carácter de actualidad, con un propósito didáctico, difundiendo artículos de divulgación científica, histórica, de costumbres, literatura o reseñas de espectáculos dirigidas a un público amplio y popular, a un precio relativamente accesible”<sup>8</sup>.

A informação sobre o fechamento de *La Moda* ocorreu no federalista *Diario de la Tarde*. As causas declaradas para a interrupção do periódico foram três: as ocupações da imprensa que editava o *gacetín*, a deserção dos assinantes e a ausência de espaço para publicações literárias. Nenhuma menção, entretanto, aparece na última edição sobre o intento de suspender o semanário e Alberdi, mesmo retomando outros empreendimentos jornalísticos, nada escreveu ou comentou sobre o tema à época ou posteriormente.

---

<sup>7</sup> LA MODA, 18, p. 1. 17/03/1838. As citações do semanário serão indicadas sempre no formato apresentado: título, seguido do número do volume, página do original e data da publicação.

<sup>8</sup> SZIR, S. De la cultura impresa a la cultura de lo visible. Las publicaciones periódicas ilustradas en Buenos Aires en el Siglo XIX. In: GARABEDIAN, M. *Prensa argentina siglo XIX: imágenes, textos y contextos*. Buenos Aires: Teseo/Biblioteca Nacional, 2009, p. 10.

## Periódicos e a questão da opinião pública

Nas disputas por legitimidades e apoios político-sociais durante os processos de organização do Estado argentino reside um tema fundamental para a história política: a opinião pública. Importantes trabalhos têm ressaltado o papel das publicações periódicas como veículos de propagação de ideários, como cenário de luta e participação política, de debates culturais e sociais ou mesmo da formação de novos públicos leitores<sup>9</sup>. No caso rio-platense, os embates entre unitários e federalistas utilizou-se de diferentes meios para ganhar adeptos, incluindo os periódicos, que eram ferramentas a serviço das posições políticas das diferentes facções. Mas desde os acontecimentos de Maio de 1810, com a fundação da *Gazeta de Buenos-Ayres*, a noção de opinião pública foi utilizada como pressuposto de legitimação do governo nascente.

A definição de opinião pública, como seus usos, foi ampliada em outros momentos do século XIX. Para Noemí Goldman e Alejandra Pasino, ela agregava a função do esclarecimento como um princípio da ação política nos periódicos rio-platenses. A tarefa não era exclusiva dos governos, mas também dos “homens ilustrados” que deveriam dedicar-se ao periodismo para produzir um discurso de unanimidade em momentos de transição, expressando “la fidelidad a las nuevas autoridades; al mismo tiempo que obraría como antídoto para evitar ‘el choque de opiniones’”<sup>10</sup>. A noção de público, em 1810, mesmo que se reconheça o direcionamento oferecido pelos folhetos, se distanciava da trilogia “Deus, o Rei, o Público” que definia o princípio político do pacto para o “bom governo”. Na nova ordem política, havia necessidade de encontrar ecos da opinião pública nas instituições de poder.

A definição de opinião é bastante controversa, mas de imediato se poderia reconhecer que ela ocorre em um espaço público que é também físico: ruas, praças, comércio. Nessa lógica, a liberdade de imprensa se estabeleceu no Rio da Prata durante o ciclo revolucionário como se observa nos decretos de 20 de abril e 26 de outubro de 1811. O crescimento do número de periódicos em Buenos Aires após 1820, o surgimento de sociedades literárias na mesma época e a prática dos livreiros de promover reuniões indicam que houve uma ampliação do espaço político-cultural.

---

<sup>9</sup> ALONSO, P. (comp.). *Construcciones Impresas, Panfletos, Diarios y Revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920*. Buenos Aires: FCE, 2004; COSTA, M. E. De la imprenta al lector: reseña histórica de la edición de libros y publicaciones periódicas en Buenos Aires (1810-1900). In: *Revista Questión*. La Plata: UNLP. Vol. 1 (n. 30), 2011; DUTRA, E. F.; MOLLIER, J-Y. (orgs.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política*. S. Paulo: Annablume, 2006; GONZÁLES BERNALDO DE QUIRÓS, P. *Civilidad y política en los orígenes de la Nación Argentina: las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862*. 2ª ed. Buenos Aires: FCE, 2008; MARCO, M. A. *Historia del periodismo argentino. Desde los orígenes hasta el Centenario de Mayo*. Buenos Aires: EDUCA, 2006.

<sup>10</sup> GOLDMAN, N. e PASINO, A. Opinion Publica. In: GOLDMAN, N. (org.). *Lenguaje y revolución: conceptos políticos clave en el Río de la Plata (1780-1850)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008, p. 110.

Na década seguinte, a Geração de 37, segundo as historiadoras Goldman e Pasino, demonstrava um novo elemento em torno do conceito de opinião pública: o de “razão coletiva”. Após o fracasso da experiência liberal do governo de Bernardino Rivadavia (1826-1827) e com a ascensão de Rosas, em 1829, a noção ilustrada de soberania passou a ser identificada com um princípio que se afastava das múltiplas opiniões. Com tal concepção, a Geração de 37 atribui para si o dever de realizar a transformação moral da sociedade e para isso buscou, de forma paradoxal, a simpatia de Rosas, na tarefa de converter-se “en el agente de esa transformación encarnada en una nueva figura: la del intelectual en reemplazo del letrado colonial”<sup>11</sup>. A dura crítica ao lugar dos membros da Geração de 37, ao ver a ascensão de grupos opositores, deve ser contemporizada por outro aspecto indicado pelo historiador Jorge Myers: os membros da Geração romântica viviam a tensão entre envolver-se em debates políticos imediatos e, ao mesmo tempo, corresponder a seus compromissos estéticos de autonomia para escrever seus textos literários. A tarefa de interferir nos debates em torno da construção do país não poderia ser vista como algo separado de questões como as heranças que deveriam ser reconhecidas da Espanha, o papel dos grupos sociais na construção da futura nacionalidade, enfim, aspectos que devem ser postos em perspectiva na luta pelas simpatias públicas.

### **A figura do intelectual e *el pueblo en miniatura* em *La Moda***

Segundo Carlos Altamirano, o século XIX não poderia ser descrito adequadamente - em seus momentos-chave - sem a participação dos homens de saber e letrados<sup>13</sup>. O cuidado com o uso do termo intelectual expressa uma atenção a diferentes porta-vozes de ordens discursivas que, posteriormente, passaram a ser vistos como intelectuais. A história pátria, as questões cívicas, as lutas pela independência política foram permeadas pelas ideias que expressaram as elites culturais.

Em linhas gerais, na apresentação do projeto conduzido por ele e por Jorge Myers, o crítico literário registrou algumas características atribuídas a um intelectual. A primeira delas é o caráter restritivo do intelectual: fala-se de um grupo pequeno, que não se confunde com multidões. Sendo poucos, podem ser reconhecidos e identificados em uma determinada escala. Outra característica é que são urbanos e referem-se a uma cultura predominantemente europeia, mesmo quando se busca pensar as características locais de uma produção estética e literária. Os intelectuais também se reconhecem por estarem associados em grupos, circuitos e espaços próprios que podem ser construídos, tal como no caso que estamos abordando, do grupo que se formou em torno do Salão Literário de Marcos Sastre ou ainda em Academias e Universidades. Por fim, os intelectuais expressam-se em um veículo: são

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 110.

<sup>13</sup> ALTAMIRANO, C. Introducción general. In: ALTAMIRANO, C.; MYERS, J. *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, p. 9.

dependentes da cultura impressa. E, por isso, distinguem-se de forma cabal em relação a outros pensadores e influentes personalidades da cultura erudita ocidental.

Mas a figura do intelectual também é marcada por sua historicidade. Na América, o debate sobre a especificidade do continente, a busca de referentes que possibilitassem encontrar um caminho e construir uma cultura própria fez com que nomes como Echeverría e Alberdi fossem tomados como figuras modelares. Homens das letras, dedicaram suas obras e vidas a um projeto mais amplo, no qual debate político e cultura letrada se entrecruzaram. O desafio de “operar la síntesis entre la cultura europea y la realidad natural y cultural de América”<sup>14</sup> os tornou paradigmáticos no universo rio-platense.

O caráter “multívoco, polémico y de límites imprecisos”<sup>15</sup> demonstra um conceito detectável e, ao mesmo tempo, uma genealogia definida. Como nos lembra Altamirano e a larga tradição em torno das discussões conceituais, o caso Dreyfus, ocorrido na França em 1898, ocupa o imaginário do ponto inicial da figura do intelectual com os debates e posturas adotados a partir do texto de Zola, como a autoridade moral dos intelectuais para contrapor-se ao poder político, à razão de Estado e à própria população e seus valores. A autonomia do pensamento e as regras que emergem diante de quadros complexos são imprescindíveis para o reconhecimento da figura do intelectual, sendo que, muitas vezes, tal reconhecimento ocorre apenas entre os pares. A dificuldade, nesse caso, relaciona-se também a maneira com que o tempo posterior emite seus juízos sobre um determinado episódio. Porém, aqueles que possuem a sagacidade, a fortuna e o escopo de afirmar certos princípios que demonstram ter validade em etapa posterior são recobertos de caráter quase mítico, pois evidenciam uma capacidade de clarividência. Neste aspecto, exige-se uma coincidência, não explorada nos textos de Altamirano, entre a opinião imediatamente dada e o juízo que será atribuído ao longo do tempo. E, para isso, contribuem o próprio intelectual e suas redes que suscitam a polémica, a correção de rumos em nome de uma autonomia que supõe ser a demonstração do raciocínio, devidamente legitimado por algum grupo específico.

Observando o contexto latino-americano oitocentista, Jorge Myers registra que a figura do intelectual estava em meio a condições específicas, como a expansão do periodismo, que conseguia driblar mecanismos de censura, a consolidação de um pequeno e apaixonado público leitor, a existência de espaços de sociabilidade externos ao Estado e à Igreja, assim como a emergência de associações literárias, científicas ou de discussões de ideias<sup>16</sup>.

A questão, ao observar *La Moda*, em 1838, ultrapassa a genealogia. Trata-se de perceber que, na forma como foram articulados os textos sobre o trabalho intelectual, se discute o papel dos editores, o diálogo com seu tempo e os desafios da socie-

<sup>14</sup> ALTAMIRANO, C. *Intelectuales. Notas de investigación*. Bogotá: Norma, 2006, p. 16.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>16</sup> Myers, J. Los intelectuales latinoamericanos desde la colonia hasta el inicio del siglo XX. In: ALTAMIRANO, C; MYERS, J. *Op. cit.*, p. 38.

dade portenha. O debate ocorre em dois números específicos (19 e 20), embora seja tangenciado em outras partes da publicação. Nos dias 24 e 31 de março de 1838 saiu um texto, sem autoria reivindicada, dividido nos dois volumes com o título “Importancia del trabajo intelectual”. Ao todo são quase nove colunas de texto, o que equivale ser pouco mais que um número exclusivo, considerando-se a maioria das edições serem compostas de apenas 4 fôlios divididos em duas colunas.

Nota-se que os editores de *La Moda*, desde a edição precedente, retomaram argumentos centrais de sua empresa. No número 18, com o título “Aviso”, no qual se anunciavam reformulações e ampliação no semanário, eles defendiam que a gazeta tinha que ser considerada além da superfície, pois “es, o al menos procura serlo, la aplicación continua del pensamiento a las necesidades serias de nuestra sociedad”<sup>17</sup>, alegando ser a novidade em terras portenhas e com um objetivo público.

Ao justificarem-se, tanto no “Aviso”, como no “Boletim Comico” subsequente, assinado por Alberdi com o pseudônimo Figarillo, os editores inserem as críticas recebidas e as rebatem. Na abordagem, o filtro dos editores era também o filtro conveniente, mas na insistência dos temas visualiza-se que o lugar de diálogo e a presença dos editores na Buenos Aires de 1838 eram relativamente incômodos. O projeto não tinha uma aceitação ou clareza consideradas satisfatórias para os editores. O gesto de quase incompreensão, indicado nas críticas recebidas, expressa, na leitura dos redatores, um conflito entre o passado e o futuro da cidade. E, nesse contexto, o trabalho intelectual inseria-se como uma plataforma necessária para a transformação social, cultural e econômica da região.

*La Moda* no es un plan de hostilidad contra las costumbres actuales de Buenos Aires, como han parecido creerlo algunos. Hija ella misma de las ideas porteñas, no admite por blanco de sus ataques, sino costumbres cuya vejez y tendencias las hace indignas de pertenecer más a Buenos Aires... Es el joven Buenos Aires que se levanta sobre el Buenos Aires viejo<sup>18</sup>.

A República era claudicante nas idéias e nos costumes. Ante a proposta revolucionária de 1810 vivia-se o cerceamento e as restrições do rosismo. Mas note-se que, no texto, são os hábitos da cidade, os que são “estrangeiros ao século”, que são criticados. E, no modo como expõem as questões, sobretudo no texto de Alberdi, eles estão sendo criticados por diferentes grupos de leitores do periódico diante de suas expectativas com a publicação. De forma sintética, havia o grupo que considerava que o empreendimento não ilustrou o povo, nem expôs de maneira cabal os princípios das artes e das letras modernas e muito menos “no ha dado la solución a todas las cuestiones que interesan à nuestro sistema social”<sup>19</sup>. E o outro grupo, que criticava pelos aspectos inversos: *La Moda* teria se desviado dos objetivos inici-

<sup>17</sup> LA MODA, 18, p. 1, 17/03/1838.

<sup>18</sup> LA MODA, 18, p. 1, 17/03/1838.

<sup>19</sup> LA MODA, 18, p. 2, 17/03/1838.



ais e entrado numa seara de discutir a literatura em suas “relaciones filosoficas con la sociabilidad y el progreso”. Neste mesmo grupo, habitava a ideia de uma literatura que fosse instrumental e que emprestaria ao povo a condição de seguidor, mas não de guia da sociedade<sup>20</sup>.

Ao primeiro grupo, a resposta irônica foi dizer que não escreviam para um público tão erudito. Para o segundo, a questão era mais complexa, pois dialogava com um conceito vital para uma nação em suas origens: o povo. E, ao responder à crítica, Alberdi inventou um público em miniatura. A proposta, mesmo sem ser explícita, remete a recursos estilísticos encontrados em Platão<sup>21</sup>, em obras como a *República* e a *Apologia*, e no uso do diálogo como o método para contrapor os argumentos e fazer emergir uma opinião a ser rebatida em suas contradições. Ao inventar o público em miniatura, composto por mulheres, comerciantes, artesãos e um ancião letrado, o “Boletín Comico” criou um diálogo sobre quais deveriam ser os temas de *La Moda* para cada um deles.

A primeira descrição é sobre as mulheres. Partindo de premissas de uma cultura marcada pela subordinação feminina e fazendo referências a divergências com Saint-Simon, o texto expressa opiniões, não sem uma dose de ironia, de que a mulher “*demasiado emancipada está*”. A mulher da cidade em miniatura estava distante do que os editores propunham, como observamos no diálogo:

- ¿De qué quisiera Ud. que se ocupase un periódico? pregunté a la mujer.
- De cosas buenas.
- Bien: pero qué son cosas buenas, en la opinión de Ud.?
- Valiente no saber qué cosas son buenas!
- Las cosas filosóficas son buenas?
- ¡Oh! salga con esas cosas filosóficas tan aburridas, tan cansadas; a mí me dan sueño.
- Las cosas políticas son buenas?
- ¡Eh! siempre moliendo con su política tan machorra! para qué más que lo que han escrito ya?: para volver a decir lo mismo? Que han ganado los que han escrito de eso?
- Las cosas comerciales?
- Eso, por fin; porque siempre es bueno saber los géneros nuevos que han sacado en las tiendas...
- De modas, de paseos, de personas, de tertulias, de cuentos, de peleas, de casamientos, de partos, de bautismos?

<sup>20</sup> Em ambos os casos, na ausência material de indicativos de quem os criticava, é plausível supor que os editores estão em diálogo com outros integrantes do Salão Literário, dentre os quais havia as duas vertentes indicadas, sobretudo se analisarmos em conjunto com textos futuros, como *Ojeada Retrospectiva*, de Esteban Echeverría que fez um balanço, desde o exílio em Montevideo, em 1846, sobre questões relacionadas ao grupo ao qual pertencia.

<sup>21</sup> A aproximação não nos parece arbitrária, pois a figura de Sócrates sera citada adiante e o modo de narrar inicia-se com a proposta de construir uma cidade em miniatura.

- También eso, porque de esas cosas no más entendemos nosotras<sup>22</sup>.

O sapateiro, por sua vez, afirmou que emitiria uma opinião imparcial e de boa-fé. Não havia, segundo ele, nada mais importante do que falar de peles curtidas, de coros de animal, de betumes que são as coisas mais importantes para a sociedade. O sapateiro detalhava seu ponto de vista: sem bezerros, sem solas e colas não haveria sapatos. Sem sapatos, a população poderia constipar-se, ter uma tuberculose e morrer. Na rápida concatenação de argumentos, a personagem pontificava uma opinião política: “de la tisis a la muerte hay tan poco trecho como del depotismo a la libertad”<sup>23</sup>. A este aspecto, considerado pelo artesão como um argumento de utilidade, ele agregou aspectos adicionais, como o de que nos sapatos residem toda elegância das pessoas e seus destinos mais amplos: “nosotros somos los árbitros de la suerte de los amantes; y el día que queremos ver llorar abandonada a una jóven amante, no tenemos sino que hacer un par de zapatos feos”<sup>24</sup>.

No diálogo com o comerciante observamos que há menor generosidade no texto de Alberdi. A ideia de que são estúpidos perpassa o relato, ao por na voz do comerciante o veto a referências importantes para os de *La Moda*, como Byron, Kant e Leibniz. Segundo o comerciante, aqueles eram nomes que ninguém conhecia ou tinha ouvido falar, assim como as extravagâncias e bobagens que eram ditas constantemente pelo periódico. Invertendo a narração para criar a empatia com o leitor e legitimar o que estava sendo criticado pelo enunciador, o comerciante foi submetido a outros equívocos ao expressar suas opiniões. Por exemplo, ao criticar a frenologia o comerciante disse que ninguém precisava ensiná-los a fazer freios e que os ingleses “nos podrán enseñar en punto a barcos y otras cosas, pero en cuanto a las cosas del caballo, son unos brutos”<sup>25</sup>. A gazeta, segundo o comerciante, também não deveria abordar temas como espiritualismo e materialismo, pois até aquele momento o comerciante não conseguiu encontrar um único doutor no país que soubesse explicar do que se tratava aquela discussão. *La Moda* deveria tratar de “liberdade absoluta de comercio” e dos assuntos que produzissem o bem da pátria. O bem consistiria “esencialmente en que haya orden y mucha plata”, na idéias, ciências, versos que considerava inúteis.

Nas três vozes construídas por Alberdi havia uma identificação entre o ponto de vista imediato e pessoal que se projetava como uma leitura coletiva. As mulheres, por reivindicarem o estranhamento diante dos assuntos que não fossem os corriqueiros; no artesão e no comerciante, por identificar, a partir de seus interesses imediatos, uma lógica de benefício comum. A folha, nesse simulacro do público em miniatura, queria caracterizar o que deveria ser deixado para trás. Propunha recu-

<sup>22</sup> LA MODA, 18, p. 3, 17/03/1838.

<sup>23</sup> LA MODA, 18, p. 3, 17/03/1838.

<sup>24</sup> LA MODA, 18, p. 3, 17/03/1838.

<sup>25</sup> LA MODA, 18, p. 4, 17/03/1838.

perar o que deveriam ser os novos tempos para Buenos Aires e aplicar-se a uma ação intelectual de transformação do pensamento a partir do que consideravam ser as necessidades da realidade.

Nenhuma voz, porém, representa mais o anacronismo dos tempos vividos por Alberdi e seus companheiros do que as opiniões expostas pelo ancião letrado. D. Hermogeniano, único dos personagens a receber nome, veio de Córdoba e negava todos os saberes modernos que estavam sendo propostos. Hermogeniano pode ser uma referência a seguidores de um discípulo de Sócrates, Hermógenes, que aparece como defensor de um saber convencional no diálogo platônico, *Crátilo*, que aborda os temas da linguagem e do conhecimento. A oposição do vetusto observador, em *La Moda*, não era apenas em relação às ideias, mas também em relação aos procedimentos adotados.

A primeira censura foi ao ato de “escrever papéis públicos”. Seria um disparate, na opinião do cordovês, gente jovem ter e emitir opiniões, pois em tempos passados a obediência e a humildade eram valores enaltecidos pelos estudantes que tinham clareza de que nunca poderiam ousar ou pretender saber mais do que os mestres. Os alunos que ele teve, mesmo tendo 30 anos, não levantavam a vista, nem a voz. Os de 1838 respondiam com Kant, Condillac, Locke e tantos outros nomes. A causa, segundo o personagem, era a ilusão criada entre os jovens de que aos 21 anos eram cidadãos e podiam intrometer-se nos assuntos de governo e de Estado, emitindo opiniões, gritando e demonstrando insatisfações.

A face conservadora adquiriu ares retrógrados ao aconselhar os jovens editores que não escrevessem, não publicassem, pois não faziam falta ao público, nem a eles próprios, pois todas as questões canônicas ou jurídicas já estavam solucionadas. Sem a imprensa, sem os papéis públicos, o Rio da Prata caminhava em outra direção: “antes del año 10 todo iba en órden y en progreso; desde que vinieron los dichos papeles, todo ha sido anarquía, desastres, escándalo y miseria”<sup>26</sup>.

A opção, para Alberdi, foi ampliar a ironia diante de “conselhos maduros” e divergir. A questão era como deixar de ser impopular sem ceder às semelhantes opiniões expostas anteriormente e que consideravam ser preponderantes na cidade de Buenos Aires? Mesmo localizado na seção cômica, que sempre deu maior liberdade para o redator, o texto expressa um conjunto de argumentos importantes e ambíguos sobre o povo e sua relação com os ilustrados, periodistas e o que passou a ser compreendido, em tempos posteriores, como intelectual. Coletando sinais contraditórios da interação entre os autores e o público que representava a sociedade portenha de 1838, o texto prossegue em um tom quase professoral. O aspecto jocoso foi abandonado e, numa segunda etapa, foram apresentados os fundamentos da ação dos editores de *La Moda* e as premissas para o subsequente argumento sobre o trabalho intelectual.

---

<sup>26</sup> LA MODA, 18, p. 5, 17/03/1838.

A soberania popular era, segundo Alberdi, o grande sofisma contra o qual a tirania não poderia opor-se, nem qualquer outro grupo da arena pública: “... el pueblo es el oráculo sagrado del periodista, como del legislador y gobernante. Faro inmortal y divino, él es nuestra guía, nuestra antorcha, nuestra musa, nuestro genio, nuestro criterio”<sup>27</sup>. O argumento, de acordo com o texto, poderia ser extremamente aristocrático ao ser apresentado de forma seletiva. O aspecto numérico da população como suprema luz deveria ser obedecido somente quando abolido o risco de ser guiado pela extrema ignorância. Alberdi, nesse instante, rejeitou tal compreensão, mas também não endossou a ideia de uma soberania popular que incluísse tudo e todos.

Condizente com suas opiniões liberais e com a pauta modernizante da Europa e da América, o autor de *Bases* defendia a soberania a partir da lógica representativa do povo, por meio de seus “órgãos inteligentes e legítimos”, que expressassem a ciência e a virtude necessárias para o progresso da sociedade. O povo, segundo ele, não deveria ser consultado em todas as questões, mas a partir de seus representantes. A comparação com o momento vivido na Argentina, na passagem entre o processo de independência e sua institucionalização, onde caberia tutela por parte dos representantes evidencia-se na seguinte formulação de Alberdi: a ação do povo, sem os representantes, seria semelhante a pedir ao adolescente uma opinião sobre como instruí-lo. *La Moda*, através de um de seus editores, expressava a distinção entre o povo, compreendido como massa, e a soberania popular que emergia pelas vozes que deveriam ser formadas. A tarefa de ensinar caberia aos escritores, que não deveriam temer as reações, as adversidades ou chacotas expostas nos pontos anteriores. Poder contrariar as vozes populares, entendidas como massa, tal como exposto no texto, e as vozes do Estado era uma prova da autonomia da função intelectual que os periodistas deveriam adotar.

O que garantiria aos escritores a certeza em relação ao que tinha de ser ensinado e a tarefa que impunham como dever estava assentado no porvir. A aposta no futuro seria o momento em que as vontades e os tempos se ajustariam e as incompreensões momentâneas se dissipariam. Para Alberdi, se os princípios estavam corretos e eram realmente bons, em algum momento eles se afirmariam e seriam aceitos. Certo aspecto messiânico emerge nesse tipo de argumento e no ponto final de sua exposição: são mais honrados os serviços de um escritor quanto pior recebidos no momento de sua enunciação.

### **Em torno do intelectual: público, instituições e liderança**

A forma como o trabalho intelectual foi mencionado explicitamente nos dois números de *La Moda* exige um mínimo esclarecimento por nossa parte. Os editores não se intitularam, nem se reivindicaram intelectuais, mas fizeram as distinções

---

<sup>27</sup> *LA MODA*, 18, p. 5, 17/03/1838.

relacionadas à atividade intelectual e àquela que posteriormente foi reconhecida como função social e política do intelectual. Sujeitos que atuaram a partir da escrita e na propagação de ideais e opiniões sobre temas candentes à sociedade daquele instante e que se apresentaram para decifrar os códigos daqueles que viviam sob “(...) un siglo todo de señales”<sup>28</sup>. A distinção entre trabalho intelectual e trabalho manual, que ocupou grande parte do argumento do texto, diz menos que os propósitos de que “todos preparen su inteligencia, que todos ilustren su razón”<sup>29</sup>.

Lidar de forma deliberada como um texto único, exposto em duas partes, tem suas razões. A primeira é pela evidência de que ele foi fragmentado pela limitação do espaço e sua continuidade foi imediata, na abertura do volume seguinte. Outros aspectos referem-se à inexistência de números exclusivos a qualquer tema, o desafio de cumprir a ampla pauta proposta desde o número inaugural e a forma transversal com que os temas perpassam o semanário. O caráter fragmentado da publicação, talvez pela própria dinâmica do trabalho e pelo amadurecimento da experiência de produzir uma folha concisa, torna-se menos visível nos números 18 a 20, quando os editores dedicam-se a quatro pontos que se entrelaçam: a crítica ao legado espanhol na língua e na cultura portenha; a discussão sobre o lugar do povo na República, citado anteriormente; o paradoxo da participação popular, com destaque para as mulheres, naquele momento em que a vida política oscilava entre ordenações da tradição e legados revolucionários; e, por fim, a atividade intelectual, carente de espaço na Argentina, que era apresentada como necessária e desafiadora, ao propor transformar práticas residuais, na cultura e na educação, oriundas do período de domínio espanhol.

Além dos pontos mencionados, que desempenham o papel de um ideário proferido por *La Moda*, há outros temas que são apresentados anteriormente ao texto sobre o trabalho intelectual. De forma sucinta, discute-se sobre um lugar institucional importante para os intelectuais, a universidade, e sobre o público leitor composto por jovens e mulheres. Parece que, num momento crucial da publicação, os editores compuseram um circuito no qual não apenas os temas do debate são relevantes, mas a relação mais complexa entre os agentes produtores de discursos, os espaços para sua propagação, os vínculos entre os leitores e o discurso social que propunham são equiparados. Neste aspecto, como já salientado nesse artigo, não parece ser algo menor, nem acidental a forma e o local em que o tema do trabalho intelectual surge em *La Moda*.

A questão da universidade, por exemplo, foi abordada na abertura do volume de 24 de março de 1838 sob o título “*Dialogo sobre alguna cosa importante*”. Na conversa entre dois personagens, D. Alonso, defensor da tradição espanhola, e D. Eleuterio, defensor da educação oferecida à juventude argentina em tempos novos, o debate em tela expôs os argumentos sobre a educação “que conviene à nuestras

---

<sup>28</sup> LA MODA, 15, p. 2, 24/02/1838.

<sup>29</sup> LA MODA, 19, p. 7, 24/03/1838.

costumbres y principios republicanos”<sup>30</sup>. A república representativa, ao sabor da tradição liberal, necessitava de jovens educados na cultura do século presente e no “progreso continuo intelectual”, classificado como um agente poderoso e irresistível. A temporalidade, nesse diálogo, reforçava o discurso da juventude como protagonista da nação e como os argumentos da decadência, utilizados pelos defensores da tradição espanhola, eram rejeitados sob a égide de que as ideias são filhas de seu tempo. A educação espanhola teria por fórmula a repetição e, por isso, seria antiga, antiliberal, gótica e com o claro propósito de retardar o progresso. A juventude formada naquele ambiente era inútil à sociedade, asfixiada pelo tempo e pela impertinência de suas ideias.

A questão da formação universitária merece destaque por dois aspectos principais: o primeiro por refletir um debate vigente em Buenos Aires sobre as reformas acadêmicas no início do período republicano; o segundo, decorrente do anterior, por expressar o lugar dos sujeitos e dos saberes considerados necessários para o país na década de 1830. *La Moda* deixava sua marca como periódico em diálogo com grandes questões que envolviam a sociedade portenha e expressava, no campo do debate sobre a formação intelectual, a ambição diante de uma instituição importante para os eruditos republicanos e liberais, que farão da Universidade de Buenos Aires, especificamente, um de seus lugares de atuação, como indica a pesquisa de Pablo Buchbinder<sup>31</sup>.

A discussão sobre o legado da tradição prosseguiu em mais uma coluna do “Boletim Comico” de Figarillo, o personagem de Alberdi. Desta vez o alvo era o equívoco do uso da oratória espanhola na formação dos jovens. Fazendo troças sobre os conservadores, Alberdi registrou as críticas dirigidas aos modernos: eles não conheciam o passado, forjavam mentiras sobre os defensores da tradição ao compará-los a selvagens, além de recorrerem a uma objetividade, que, ao falar pouco, obscurecia todas as questões. Note-se que, por meio da personagem-colunista, escolheu-se, como parte de seu estilo de escrita, um percurso calculado para a construção do texto ao expor de forma minuciosa a crítica recebida pelos editores de *La Moda*. Na sequência, aparentando singeleza, a resposta era demolidora sob a forma de algum elogio ou comentário que retirava qualquer possibilidade de admitir relevância ao argumento exposto anteriormente. Era o uso de um habilidoso domínio retórico, considerando-se a envergadura das questões e o espaço disponível para a discussão. A título de exemplo deste segundo instante da escrita de Alberdi, na mesma coluna da edição 19, a voz conservadora fez um ataque a Shakespeare e sua obra:

---

<sup>30</sup> *LA MODA*, 19, p. 1, 24/03/1838.

<sup>31</sup> BUCHBINDER, P. *Historia de las universidades en Argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2005. Dominando inicialmente a cena política portenha, os unitários, com uma visão de fundo liberal, desencadearam um movimento de reformas político-sociais e criaram novas instituições que influenciaram o círculo político-intelectual, como o Colégio de Ciências e a Universidade de Buenos Aires.

Quien había de ser este, pues, sino un inglés ignorante, que nadie sabe de dónde salió, ni como se formó, ni en qué universidad estudió; que, de escobero de un teatro, de la noche a la mañana le entró por hacerse cómico, y en seguida autor. Sin conocer a Aristóteles, ni a Homero, qué pudo hacer? Hizo dramas como su cara; sin unidad, sin plan, sin fin, en formas locas, de su creación: vamos, sin un átomo de lo que constituye una buena comedia, o tragedia según las reglas inmutables y eternas del maestro Aristóteles<sup>32</sup>.

Ao mesmo tempo em que dava voz às críticas, Alberdi as deslegitimava. Com tal operação de escrita não é difícil supor que parte da desconfiança da sociedade portenha em relação aos integrantes do Salão de Marcos Sastre originava-se nesse tom que existia em *La Moda*. Como confiar no discurso daqueles que retiram seus leitores e interlocutores dos lugares e saberes conhecidos e, ainda, expõem ao ridículo a tradição e apostam num tempo novo organizado por conjecturas? Ao incorporar os críticos de outrora, a tradição argentina tratou de encobrir a ironia e o sarcasmo sob o manto da seriedade e da perspicácia de uma leitura considerada adequada sobre o quadro social e cultural que a Geração de 37 teria realizado. Tal feito não emerge por um erro ou simplificação da crítica posterior, mas talvez pela recomendação dada pelo autor quando encerrava algumas de suas colunas: a juventude deveria procurar, em seu tempo, os modelos criticados e os que eram portadores da virtude enunciada no discurso irônico.

Sob este aspecto cumpre notar o traço pedagógico, o direcionamento e o cuidado para que a autonomia do leitor não permitisse uma compreensão inversa do que havia sido apresentado. A liberdade do leitor era confiscada pelo gênero textual que, ao seguir seu encadeamento, expunha ao riso as práticas apresentadas como obsoletas e inviabilizava qualquer outra forma de leitura em relação ao que havia sido exposto<sup>33</sup>.

A juventude, alvo da publicação de *La Moda*, não deveria apenas observar os comportamentos ao seu redor, mas deveria também fazer escolhas relacionadas ao seu tempo. Em quatro breves parágrafos os editores publicaram, sob o título “Una hora de la vida”, um prospecto político sobre o que era esperado dos jovens portenhos e com críticas a um comportamento oscilante entre o ímpeto e o repouso. De acordo com o texto, os jovens poderiam ter um tempo para pensar, mas, uma vez tomada uma decisão, deveriam agir com passo firme em direção à glória que aspiravam. A vida, por curta que era, não deveria ser vivida em “menguadas indecisiones” e o caminho para a liberdade não seria simples, nem obtido em um único salto<sup>34</sup>.

<sup>32</sup> *LA MODA*, 19, p. 3, 24/03/1838

<sup>33</sup> “Son muy cortos los límites de este periódico para numerar todos los preceptos que pudieran darse a este respecto. Terminamos aquí, recomendado a la juventud reflexiva el estudio incesante de los modelos vivos que nos circundan por todos lados”. *LA MODA*, 19, p. 5, 24/03/1838.

<sup>34</sup> *LA MODA*, 19, p. 5, 24/03/1838.

Reconhecendo que a visão sobre a juventude não era a mais entusiasmada, os editores procuravam encontrar as razões para explicar o momento de embates entre grupos que disputavam a hegemonia política durante a formação do país. Na encruzilhada vivida nos idos de 1838, em meio ao fortalecimento do rosismo e seu aparato repressor, os letrados tinham que lidar com uma aposta no futuro e com uma desagregação no presente. E os riscos não se localizavam apenas no campo oposto, mas entre a própria juventude. O texto alertava sobre duas desconfianças que poderiam desmobilizá-los. A primeira delas pode ser identificada no que atribuíam ser uma visão idealizada sobre a liberdade, que se confundiria com “las visiones nocturnas de un sueño” que escaparia por entre frestas. A liberdade política, prossegue o texto, tinha um largo e triste caminho. Para percorrê-lo era necessário rejeitar todos os que a confundiam com a anarquia, como aqueles que confundiam a paz com a morte. A paz dos federalistas liderados por Rosas misturava-se com a perseguição e o assassinato; a liberdade desejada pelos unitários de tradição liberal tinha, em tempos excepcionais, a possibilidade de configurar-se como conflagrações e ausência de autoridade. Os redatores, mesmo tendo uma pauta clara, não deixavam de expor críticas aos dois principais grupos políticos que, grosso modo, se definiam diante do rosismo.

Outra razão para a juventude olhar com desconfiança o quadro da época, segundo os editores, era “*el temor del ridículo*” que paraíva sobre eles como uma espada de Dâmocles. Num tempo de “*grandes zelos y locas ambiciones*” e com abundância de críticos, a juventude não se sentiria confortável, por mais desejante que fosse, para abraçar uma causa. Tudo estava para ser incendiado e, com isso, reduzir a cinzas os projetos políticos de construção do país.

Nesse instante, o texto faz uma inflexão para distinguir a juventude em geral e um grupo em particular: os jovens ilustrados. A mensagem para estes era que o país não necessitava de estéreis lamentações, mas que deveria encontrar um espaço para levar a população a decidir entre a quietude e o progresso. O embate, portanto, não seria apenas com os grupos oponentes, mas nas fragmentações existentes entre membros do Salão de Marcos Sastre. Alberdi, Gutiérrez e Corvalán se apresentavam como um grupo mais pragmático, se comparado ao liderado por Echeverría, e se separava daquele que aderiu ao rosismo, como Pedro de Angelis.

No caminho a ser percorrido pela “juventude ilustrada” a questão da liderança emergia como uma causa no embate entre a tradição e as inovações. Sem nenhuma modéstia, os letrados equipararam-se a Sócrates e Jesus Cristo, que tiveram no sacrifício e na perseguição a seus ideais as características que os tornaram portadores de causas não compreendidas ou incorporadas em seus próprios tempos.

Em relação ao outro grupo de leitores, as mulheres, indagava-se, no mesmo exemplar de 24 de março de 1838, sobre qual deveria ser a missão da mulher americana. Em sete parágrafos, os editores retomaram vários assuntos tratados em edições anteriores de *La Moda*, mas neste número o fizeram reconhecendo que muitos textos desagradaram as leitoras. Sem retroceder nas exposições anteriores, o texto



afirma que o diálogo que propunham era com a mulher de uma geração nova, ávida por conhecimentos e interessada em aprofundar-se nas ideias do século XIX. De forma análoga ao realizado com a juventude, o *gacetín* distinguia o público e apostava numa renovação política que corroborasse suas causas. Parece evidente que, ao realizar tal distinção, *La Moda* dava-se por vencida em relação a outras mulheres que, tal como exposto no relato cômico citado anteriormente, fossem desejosas apenas de frivolidades ou que se mantivessem dentro de uma lógica considerada tradicional.

O trabalho de convencer a mulher sobre seu novo papel não era simples. O texto pode ser dividido em três pontos centrais: identificar a mulher que poderia ser protagonista dos novos tempos; debater as causas sobre a condição feminina e sua educação; e, por fim, a missão da mulher americana na república.

A responsabilidade sobre a mulher ter uma opinião desfavorável a elas mesmas, o que geraria implicitamente o desagrado das leitoras com *La Moda*, era do discurso da superioridade masculina que foi recebido pela educação. “Es un error el creer que el hombre sea necesariamente superior a la mujer”<sup>35</sup>, pois os homens as criaram, as educaram para que fossem do seu agrado e de seu encanto, escreveram os editores. As vantagens que os homens exerciam sobre as mulheres eram o resultado da educação que eles ofereceram a elas e que as tornaram vãs e coquetes. Criadas para agradar ao pai, ao marido e aos filhos, as mulheres viam rapidamente suas ilusões desaparecerem, segundo o texto.

O quadro construído pelos editores constatava que as mulheres não eram responsáveis diretas pela anulação a que foram historicamente submetidas. Com um discurso progressista, *La Moda* assinalava a difícil correspondência entre um projeto político novo e a manutenção da sociedade patriarcal que, sob os signos da elegância e da gentileza, patrocina uma comodidade imóvel.

Apresentado o diagnóstico, o texto propunha as soluções e as expectativas para a mulher. É digno de nota que a mulher referida não era o gênero indistinto, mas um grupo particular, o que pertencia à América. Não se tratava de algo genérico, como no caso da juventude que vai construir o “nosso país”, mas de uma extensão mais ampla para a mulher, que deveria estar em conformidade aos tempos de repúblicas emergentes ou já constituídas na maioria do continente, com exceções notáveis como o território brasileiro. A mulher referida nesta parte de *La Moda* também possuía um ideário político, o republicanismo<sup>36</sup>.

Ao exortar a condição política da mulher americana, os redatores negavam a ociosidade aristocrática. Porém, o limite da observação de Alberdi, Gutiérrez e Corvalán em relação às mulheres expressava-se na manutenção de um espectro de papéis conhecidos e esperados para as mulheres: “Destinada a formar las costum-

<sup>35</sup> LA MODA, 19, p. 6, 24/03/1838.

<sup>36</sup> Para uma leitura sobre a história das mulheres na Argentina e suas vinculações políticas ver: BARRANCOS, D. *Mujeres en la sociedad argentina. Una historia de cinco siglos*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2007.

bres de una nacion nueva, debe unir la sencillez a la elegancia, debe aspirar al desarrollo completo de todas las facultades con que la ha dotado la naturaleza”<sup>37</sup>. Houve uma ampliação das tarefas femininas ou, ao menos, sua adequação dentro de um projeto que necessitava da “esposa e mãe” para fazer surgir o amor à pátria. Tal questão é relevante no contexto do embate entre as tradições espanholas e os novos costumes desejados por *La Moda*. Porém, seria inadequado dizer que Alberdi e seus companheiros de publicação simplesmente trocaram a pauta espanhola pela causa patriótica, pois, nesse ato de educar e formar cidadãos, reservaram um novo lugar para a mulher americana, no qual “se supone un talento desarrollado, una razón cultivada” e a conversa da mulher seria “mil veces mas seductora, su imaginación mas viva”<sup>38</sup>, distanciando-se do criticado modelo aristocrático.

O que levaria os editores a pensarem nos jovens e nas mulheres como seu público preferencial? Na hipótese proposta por Francine Masiello, em relação às mulheres, trata-se de pensar uma representação do sujeito excluído durante o rosismo<sup>39</sup>. O alcance seria menos em relação ao gênero em si e mais a todos os que pertenciam à sociedade, mas que eram de alguma forma ignorados na discussão da vida política. A questão adquiriria uma verdadeira função pedagógica, se tomarmos a liberdade em expandir para os jovens, como observou o trabalho de Hernán Pas, ao propor uma leitura mais abrangente para a questão<sup>40</sup>.

### **Sobre o trabalho intelectual e a figura do intelectual**

A compreensão do trabalho intelectual, na forma apresentada em *La Moda*, pode ser sistematizada em quatro pontos centrais: como entendimento social, como uma questão moral que se interliga a um conjunto social, como sinônimo do progresso e da superioridade em relação a outras atividades e como um risco para os que se dedicam àquele tipo de trabalho. Tais pontos não são enumerados de forma patente pelo documento, mas citados como um conjunto de ideias presentes no “Importancia del trabajo intelectual” e alinhavadas no decorrer da publicação.

A função do trabalho intelectual como “entendimiento social” indicava a capacidade de pensar de forma global, planejar e definir os princípios vitais de uma sociedade. A opinião vulgar, segundo o texto, despreza as atividades intelectuais e valoriza as profissões “inmediatamente lucrativas”<sup>41</sup>, mas sem o trabalho intelectual não haveria possibilidade de pensar o progresso e o desenvolvimento da mesma

---

<sup>37</sup> LA MODA, 19, p. 6, 24/03/1838.

<sup>38</sup> LA MODA, 19, p. 6, 24/03/1838.

<sup>39</sup> MASIELLO, F. *Entre civilización y barbarie: mujeres, nación y cultura literaria en la Argentina moderna*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1997.

<sup>40</sup> PAS, H. *Ficciones de extranjería. Literatura argentina, ciudadanía y tradición (1830-1850)*. Buenos Aires: Katatay, 2008. p. 91

<sup>41</sup> LA MODA, 19, p. 6, 24/03/1838.

sociedade. Por esse mesmo argumento, as pessoas com essas diferentes profissões têm dificuldade de se observarem como cidadãs, como integrantes do conjunto político e social, pois valorizavam resultados práticos e desconectados de alcances gerais. A ilustração e a inteligência eram, na opinião dos editores, condições para o desenvolvimento das profissões e saberes, certamente úteis, mas subordinados a uma lógica que comporia um corpo único:

(...) son los trabajos intelectuales los que determinan y dirigen todos los otros movimientos y trabajos con que una sociedad progresa y desarrolla. Estos trabajos son el *entendimiento social*, mientras que las profesiones industriales o mercantiles, son como los brazos o los otros órganos físicos, por decirlo así, que aplican y realizan lo que aquel inventa o comprende; si aquel se paraliza, todos los miembros que no viven sino por él, se paralizan también: donde aquel concibe, y vive en actividad, todo vive y todo se mueve<sup>42</sup>.

Se, à primeira vista, o fragmento supõe apenas uma divisão entre formas de trabalho, o texto da edição seguinte reitera a participação de um corpo social que, similar ao físico, tem inteligência, vontade e órgãos, cuja correspondência na vida social seria relacionada aos que se ocupam das “ciências”, dos governos e da indústria, comércio e artes. A divisão estabelece hierarquias, mas esse não era um incômodo para letrados oitocentistas. O que os incomodava era o desprezo por uma formação ampla, que passaria pelas letras, filosofia e ciências, em favor de uma formação utilitária que demandava apenas escolhas imediatas e descomprometidas com o ideal do progresso e da ilustração.

A questão moral emergia, nesse contexto, como sinônimo do bem pensar e do pensar na utilidade geral. Recorrendo a Pascal, os editores propunham destruir o espírito mesquinho das profissões e abrir caminho para as ideias que serviriam como alimento e sustentação da felicidade pública. A moral não seria a inação, mas a tarefa e a arte do bem pensar, que na divisão corpórea anterior não cabe nem ao Estado, nem aos que são executores de atividades, mas àqueles que se dedicam ao trabalho intelectual e que, com sua inteligência, interpretam a própria sociedade e seus princípios. Tal atividade não caberia aos comerciantes e industriais, que conservavam o legado espanhol e optaram por preservar a ignorância e a exploração. Ao mesmo tempo, a atividade de pensar e construir a sociedade não estaria restrita aos intelectuais, pois o ponto central do argumento era a defesa de que o trabalho intelectual ocupava um lugar estratégico e construiria uma lógica que fortalecesse a sociedade em suas diferentes formas de trabalho.

Na dinâmica do pensamento romântico do século XIX, articulavam-se os destinos entre o bem individual e o bem coletivo do país e, por isso, tamanha necessidade dos intelectuais que se levantavam e apontavam os rumos necessários diante, por exemplo, daqueles que se entregaram a um interesse estritamente mercantil e

---

<sup>42</sup> LA MODA, 19, p. 7, 24/03/1838.

prejudicial ao grupo social. A sociedade, define o texto em sua continuação do dia 31/03/1838, não era uma reunião fortuita de indivíduos, mas um corpo organizado sobre leis e tendências comuns<sup>43</sup>. A afirmação é bastante delicada diante do momento em que foi enunciada. A inexistência de um projeto comum em Buenos Aires, por exemplo, poderia sugerir que os editores de *La Moda* negassem a existência de uma sociedade naquela região. Entretanto, não era assim que pensavam Alberdi e seus companheiros. Se havia uma crítica às divisões, não havia a idéia de uniformidade, pois eles insistiam que os embates eram reflexo do momento de transformações onde o antigo e o novo conviviam, ordens tradicionais e novas se enfrentavam. A tendência, difícil de ser identificada em meio aos embates políticos e culturais, era o que os autores queriam assinalar na Buenos Aires de 1838.

Os autores pretendiam afirmar uma opinião em relação ao que esperavam construir naquele presente e no futuro. O passado, como continuidade, era o ponto a ser renegado. Tal aspecto deve ser considerado pois os membros do Salão Literário não estavam apenas construindo um projeto futuro, como muitas vezes nos habituamos a pensar sob um olhar retrospectivo, mas enfrentando uma batalha de seu tempo presente. A ideia, portanto, não era uma harmonia produzida por uma leitura ingênua que, inclusive, a perseguição e os silenciamentos políticos poderiam fazer emergir. A questão era indicar que a mera reunião de seres não produziria uma sociedade, nem faria emergir uma nação, ponto indubitável do romantismo do século XIX.

O trabalho intelectual como equivalente ao progresso relacionava-se a entrever que mesmo as atividades utilitárias seriam capazes de reconhecer os amplos benefícios daquele. “Por consiguiente, así como la inteligencia es la que en cada hombre dirige su trabajo y determina sus progresos, así también son las profesiones intelectuales, las que en la sociedad dirigen los otros trabajos y determinan los progresos del cuerpo social: y en esto consiste su importancia y valor”<sup>44</sup>.

O comércio portenho, nas páginas de *La Moda*, era penalizado por ignorar a relação entre conhecimento e aumento da circulação de capitais ou, numa relação menos explícita, de como a preocupação com a beleza da linguagem e o deleite estético da literatura poderiam depurar o gosto e convencer as pessoas numa atividade comercial. A indústria, mais próxima do conhecimento, poderia beneficiar-se de experimentos, inovações e procedimentos que se instauram como repetição. Mas tal como em outros momentos da publicação, o passado era o que impedia esta aproximação e o desenvolvimento rio-platense. A opinião vulgar, a ignorância, “hija legítima de nuestra educación española”, teria que ser deixada para trás e o espírito novo deveria emergir. Um pai não deveria tirar o filho da escola, por exemplo, para começar a trabalhar, pois esse trabalho equivaleria a condenar os filhos à condição de peões. Se o desenvolvimento econômico não ocorria de forma satisfatória

<sup>43</sup> LA MODA, 20, p. 2, 31/03/1838.

<sup>44</sup> LA MODA, 19, p. 8, 24/03/1838.

a responsabilidade era do próprio capital que não sabia reformar-se e mantinha-se aprisionado a hábitos do período colonial, pois passados 28 anos do início da separação política, havia um processo mais complexo a ser superado.

Por fim, aqueles que se dedicavam ao trabalho intelectual deveriam ficar atentos aos riscos da atividade. Nesse ponto, de forma surpreendente dentro do espírito de *La Moda*, os editores não apontaram questões relacionadas à perseguição pelas ideias ou questões correlatas. O risco estaria na própria simbiose entre a função intelectual e os benefícios que poderiam ser obtidos no comércio e na indústria. De forma explícita, o texto cita áreas como o Direito e a Medicina, que se apresentavam à época como “una especie particular de comercio, y hasta cierto punto han perdido ese carácter augusto y filantrópico que les pertenece, revistiendo otro que es mezquino y perjudicial, solo porque es mercantil”<sup>45</sup>.

A aproximação entre o mercantil e o intelectual sinalizaria, na interpretação de Alberdi e seus companheiros, a possibilidade de elevar-se ou degradar-se a depender de quem assumiria as feições de quem. Trata-se de um jogo de máscaras em que nem todos poderiam desfilarem como nobres. “Los unos, si quieren hacerse dignos de consideraciones, deben ilustrar su inteligencia; los otros, si no quieren hacerse despreciables deben cuidar en no hacer un comercio miserable de una profesión noble”<sup>46</sup>.

Para concluir, esses agentes da vida pública portenha, em defesa de uma causa intelectual e do intelectual, devem ser pensados em sua historicidade. O lugar dos editores e autores de *La Moda* e, de forma mais ampla, da Geração de 37 foi crucial para a sociedade argentina. O grupo de Rosas, por exemplo, deixou muitas marcas e características para a configuração territorial e política da Argentina, mas não teve o mesmo êxito se compararmos com a pauta do grupo que se reuniu no Salão de Marcos Sastre. Em suas diferenças foram capazes de projetar a nação, denunciar o rosismo, manifestar a aversão à tradição hispânica, propor uma nova sociabilidade e, sobretudo, criar espaços para o diálogo cultural e a troca intelectual em lugares como o próprio Salão Literário e em publicações como *La Moda*. Mesmo quando se exilaram, para completar um aspecto que também marca a trajetória dos intelectuais, foram capazes de forjar questões e projetar soluções que tiveram grande impacto na vida política, cultural e social da Argentina.

Sem incorrerem no anacronismo, nem ficarmos presos à idealização em torno do caso Dreyfus como momento ideal da genealogia do intelectual, podemos fazer coro a Edward Said e considerarmos que intelectual é aquele capaz de “encarnar y representar un mensaje, una visión, una actitud, filosofía o opinión para y en favor de un publico”<sup>47</sup>. E, ao fazer tais tarefas, enfrenta-as como uma missão, um dever que ninguém, nem o poder, nem as instituições podem detê-los. Entre a

<sup>45</sup> LA MODA, 20, p. 2, 31/03/1838.

<sup>46</sup> LA MODA, 20, p. 2, 31/03/1838.

<sup>47</sup> SAID, E. *Representaciones del Intelectual*. Barcelona: Paidós, 1996, p. 30.

margem e o reconhecimento, eles marcam um tempo, definem pautas e instauram-se como produtores de um discurso extremamente potente em seus simbolismos e significados. Portanto, levantar a pauta da importância do trabalho intelectual era mais do que registrar, como fizeram nas páginas de *La Moda* em 1838, um apelo à erudição e educação: era uma maneira, num outro atributo próprio dos intelectuais, de reivindicar um lugar para si e para suas formas de agenciamento.

*Artigo recebido em 03 de agosto de 2013.*

*Aprovado em 02 de dezembro de 2013.*